

## Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas

(notas de conferência para pais e professores do Colégio Luterano São Paulo, 13-08-19)

Jean Lauand<sup>33</sup>

**Resumo:** O recurso à voz média (ou ao verbo depoente), voz que não é ativa nem passiva, poderosa ferramenta filosófica do grego e do latim, ausente nas línguas europeias modernas, reaparece intuitivamente em canções Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho, permitindo uma outra percepção da realidade.

**Palavras-Chave:** voz média. filosofia e linguagem. Paulinho da Viola, Martinho da Vila. Zeca Pagodinho.

**Abstract:** The middle voice, “in the middle” between the active and the passive, a powerful philosophical resource of the Greek and Latin languages, is “employed” by Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho. The middle voice give us another possibility to understand the world.

**Keywords:** middle voice. philosophy & language. Paulinho da Viola, Martinho da Vila. Zeca Pagodinho.



O que há de comum entre Platão, Tomás de Aquino, Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho? Pelo menos o uso de um poderoso recurso de pensamento (e no caso de Platão e Tomás, também uma ferramenta da língua): a voz média.

---

<sup>33</sup>. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. jeanlaua@usp.br



Para além de nossas duas vozes – voz ativa e voz passiva – os antigos dispunham de outra forma verbal, fundamentalíssima: a voz média. E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossas línguas modernas não contarem com a voz média, que não é ativa nem passiva, constitui um estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque, em muitos casos, a realidade exige a superação do binômio: ativa/passiva.



A voz média é um rico recurso – encontrado, por exemplo, no grego –, que permite expressar (e perceber, e pensar...!) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas.

Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu – como na clássica sentença de Ortega – estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações “minhas” mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação.

É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). De fato, o verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Daí que esse verbo em português seja “ativo” e, em inglês, “passivo”!! Mas, na realidade, só a voz média lhe cai bem. Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Pensemos em realidades tão relevantes como: a admiração, o enamoramento, o esquecimento etc. Nas minhas ações correspondentes, certamente eu as protagonizo, mas não como “sujeito ativo”, nem tampouco como meramente passivo... E tentamos suprir a forma clássica “voz média” pelo reflexivo ou pronominal: “Eu me admiro, ela se apaixonou, você se esqueceu...” O fato de que nelas não somos sujeitos totalmente ativos, fica evidente quando vemos como seria ridículo tentar agendá-las (coisa que um sujeito ativo poderia muito bem programar): “Amanhã, às 15:40h irei ao supermercado, depois levarei o carro para lavar e às 17:15h vou me apaixonar...” ou “daqui a 20 minutos vou me admirar e às 14:20h me esquecerei, terei uma inspiração artística, um êxtase místico etc.”

A língua espanhola vale-se desse expediente “reflexivo” muito mais frequentemente, como por exemplo: em *yo me muero* ou em verbos que expressam necessidades fisiológicas (*yo me meo* etc.)

Essa lacuna da voz média pode atingir situações de graves consequências para as pessoas, como quando usamos o verbo “surtar” como sendo de voz ativa...! De fato, é uma violência para com a realidade (e para com o “surtante surtado”) a voz ativa em lugar da média, como quando dizemos : “O Gilberto **surtou** no aeroporto...”. Como se o pobre Gilberto pudesse controlar o seu (?) surtar...

O latim vai tão longe nesse campo, que até o verbo falar, *loquor*, é depoente e não ativo: pois, na verdade, como todo mundo sabe, falar não é uma ação que dependa só de meu bel prazer: a frieza, a indiferença, o desinteresse do interlocutor, ou da classe..., embarga meu falar e tira-me totalmente a inspiração (e o contrário também acontece: o discurso se inflama quando a audiência entra em vibração de sintonia). E mais: minhas próprias ideias tomam forma para mim mesmo, quando falo para outros...

A canção *Timoneiro*, sucesso de Paulinho da Viola, genialmente usa a ação de navegar, claramente de voz média (por mais talentoso ou medalhista que seja um navegador, navegar está longe de ser ativo...), como maravilhosa metáfora para a vida. “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...”.

Esse ser levado pelo mar da circunstância é o que ocasiona o famoso bordão, de Chaves: “Foi sem querer, querendo...”, unido a seu outro cacoete: “Me escapuliu!”, que é mais forte ainda em espanhol: “se me chispoteó” (o “se me” indica forças que chispam alheias à vontade do sujeito...).



A consideração desse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssima para a Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere*, “eduzir” (conduzir para fora), que afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando: educação é sempre comunhão...) de extrair de si...! É nesse sentido que educador e educando simultaneamente aprendem e ensinam... E é que o ser humano não é autônomo (como poderia, de tanto pronunciar o “eu”, imaginar o senso comum); ele é relacional, requer para tudo “o outro”, ele é também *su circunstancia*.

Acostumados a pensar que só há vozes ativa e passiva, tal como nos impõe nossa gramática, e desconhecendo o grego e o latim, o estudante encontra dificuldades para aprender a voz média. E sempre corre o risco de pensar que se trata de uma construção conceitual abstrata e artificial, uma latinice postiça (quando, na verdade, é naturalíssima).

O Ocidente insiste em ver tudo pelo viés da conquista e em desprezar a “passividade” dos Orientais, cuja educação aposta nos caminhos indiretos da voz média. E é que há muitas situações na vida em que só obtemos algo, se renunciarmos à vontade dirigida diretamente para obter esse algo. É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida e, por isso, a perdem (Mt 16, 25); sabedoria que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira; que só se oferecem como dom de um interesse voltado para outro alvo (por exemplo, tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reciprocamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer “salvá-lo” por força de ciúmes).

Voltemos a Paulinho. Não sou plenamente dono do navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar... Vejamos a letra dessa canção, junto com outras duas, importantes para nosso tema.

**Timoneiro** (Paulinho da Viola - Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar  
E quanto mais remo mais rezo

Pra nunca mais se acabar  
Essa viagem que faz  
O mar em torno do mar  
Meu velho um dia falou  
Com seu jeito de avisar  
“Olha, o mar não tem cabelos  
Que a gente possa agarrar”  
Timoneiro nunca fui  
Que eu não sou de velejar  
O leme da minha vida  
Deus é quem faz governar  
E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar?  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar  
A rede do meu destino  
Parece a de um pescador  
Quando retorna vazia  
Vem carregada de dor  
Vivo num redemoinho  
Deus bem sabe o que Ele faz  
A onda que me carrega  
Ela mesma é quem me traz

**Filosofia de Vida (Martininho da Vila)**

Meu destino eu moldei  
Qualquer um pode moldar  
Deixo o mundo me rumar  
Para onde eu quero ir  
Dor passada não me dói  
E nem curto nostalgia  
Eu só quero o que preciso  
Pra viver meu dia a dia  
Pra que reclamar de algo que não mereço?  
A minha razão é a fé que me guia

Nenhuma inveja me causa tropeço  
Creio em Deus e na Virgem Maria  
Encaro sem medo os problemas da vida  
Não fico sentado de pernas pro ar  
Não há contratempo sem uma saída  
Pra quem leva a vida devagar  
Que o supérfluo  
Nunca nos falte  
Básico para  
Quem tem carestia  
Não quero mais do que eu necessito  
Pra transmitir minha alegria

**Deixa a vida me levar** (Serginho Meriti e Eri do Cais)

Eu já passei  
Por quase tudo nessa vida  
Em matéria de guarida  
Espero ainda a minha vez  
Confesso que sou  
De origem pobre  
Mas meu coração é nobre  
Foi assim que Deus me fez...  
E deixa a vida me levar  
(Vida leva eu!)  
Sou feliz e agradeço  
Por tudo que Deus me deu...  
Só posso levantar  
As mãos pro céu  
Agradecer e ser fiel  
Ao destino que Deus me deu  
Se não tenho tudo que preciso  
Com o que tenho, vivo  
De mansinho lá vou eu...  
Se a coisa não sai  
Do jeito que eu quero  
Também não me desespero

O negócio é deixar rolar  
E aos trancos e barrancos  
Lá vou eu!  
E sou feliz e agradeço  
Por tudo que Deus me deu...

As três canções falam da insuficiência da vontade ativa: “quem me navega é o mar”, “é ele quem me carrega” etc. Navegar é voz média: não se trata de mera passividade ante a força de inexorável destino: senão de que adiantaria remar?

Note-se nas três canções a incontornável referência a Deus: o velho problema teológico da vontade humana ante a onipotência de Deus. O problema do mérito do fiel ante a graça de Deus: o mérito da grandeza das obras de uma Madre Teresa de Calcutá é da Madre ou de Deus que opera nela?

É impossível uma reta interpretação do cristianismo sem a voz média.

As duas epístolas aos Coríntios apontam diversas vezes para esse beco, cuja única saída é a voz média: daí os malabarismos de adversativas do apóstolo Paulo:

Porque eu sou o menor dos apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo (I Cor. 15, 9-10)

Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho. (I Cor 3, 6-8)

Exortamo-vos a não receber em vão a graça de Deus (II Cor. 6,1)

Etc.

Paulinho canta “O leme da minha vida, Deus é quem faz governar” mas o homem não está dispensado de remar (“quanto mais remo, mais rezo”) e de aplicar a arte da navegação...

Martinho fala em destino e que o mundo é que dá o rumo, mas a “parte ativa” é que: “Meu destino eu moldei” e “Qualquer um pode moldar”...

Já em Zeca Pagodinho o destino não é totalmente inapelável, senão que sentido teria falar em “ser fiel ao destino que Deus me deu”?

Portanto, deixar a vida me levar não é o convite a uma vida devassa (soube que essa canção é mal vista em muitas igrejas...), mas a uma simples e agradecida confiança na Providência divina. Nessa atitude de oração, o “deixar rolar” é, antes, essa aceitação dos planos divinos:

Se a coisa não sai  
Do jeito que eu quero

Também não me desespero  
O negócio é deixar rolar  
E aos trancos e barrancos  
Lá vou eu!  
E sou feliz e agradeço  
Por tudo que Deus me deu...

Três sambistas cariocas em diálogo com os grandes da filosofia antiga e com as fontes apostólicas do cristianismo.

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 06-06-19; aceito em 08-07-19